

TRAÇOS MEDIEVALIZANTES EM OBRAS LITERÁRIAS NORDESTINAS – UMA ANÁLISE SOB A ÓTICA RESIDUAL

Rubenita Alves Moreira dos Santos¹

Ao escrever o *Auto da Compadecida*, Ariano Suassuna se baseou em romances e histórias populares do Nordeste brasileiro, como *O castigo da soberba*, *O enterro do cachorro* e *História do cavalo que defecava dinheiro*. Estas são narrativas que vivem no imaginário do povo nordestino. São histórias conhecidas do autor, recolhidas de sua infância vivida no sertão do Cariri paraibano. Caso não estivessem aludidas, o leitor talvez não as identificasse. Contudo na rica produção literária de Suassuna encontraria uma aproximação com diversos escritos do Medievo.

Foi o que sucedeu a Henrique Oscar, o prefaciador do *Auto*. Oscar identifica na *Compadecida* “um parentesco com gêneros mais antigos, de outras épocas e regiões” (SUASSUNA, 1955/ 2000, p.9) e enquadra o *Auto* na tradição das peças da Idade Média. Reportando-se à forma e ao tratamento, aproxima a obra de Suassuna dos autos de Gil Vicente (1465-1537) e do teatro espanhol do século XVII. Quanto ao desenvolvimento da ação, vê uma aproximação com a *commedia dell'arte*, e características do arlequim no personagem João Grilo, embora nele reconheça um personagem “autenticamente brasileiro e não copiado da tradição italiana” (SUASSUNA, 1955/ 2000, p.10). Oscar complementa sua observação afirmando que, mesmo ao constatar-se a aproximação da *Compadecida* com “formas e até temas dos grandes gêneros da história do teatro” (SUASSUNA, 1955/ 2000, p.10), não há uma cópia, e sim, uma “autêntica recriação em termos brasileiros, tanto pela ambientação como pela estruturação, sendo uma obra inédita em suas características,

1 Mestra em Letras pela Universidade Federal do Ceará. Professora-tutora do Instituto UFC-Virtual. Pesquisadora do GERLIC.

nova e, portanto, absolutamente original” (SUASSUNA, 1955/ 2000, p.10).

Henrique Oscar visualizou na *Compadecida* resíduos de outras épocas. Não obstante, Suassuna afirma ter-se baseado nas histórias populares do Nordeste e considera o *Auto da Compadecida* a peça em que realizou “pela primeira vez uma experiência satisfatória de transpor para o Teatro os mitos, o espírito e os personagens dos folhetos e romances, aos quais se devem sempre associar seus irmãos gêmeos, os espetáculos teatrais nordestinos, principalmente o Bumba-meu-boi e o Mamulengo” (SUASSUNA, 1970/ 2008, p.177). E sublinha:

Tudo isso, em minha peça, vem do Bumba-meu-boi, do Mamulengo, da oralidade dos desafios de Cantadores e mesmo de autos populares religiosos publicados em folhetos, no Nordeste. [...] É verdade que devo muito ao Teatro grego (e a Homero e Aristóteles), ao latino, ao italiano renascentista, ao elisabetano, ao francês barroco e sobretudo ao ibérico. É verdade que devo, ainda mais, aos ensaístas brasileiros que pesquisaram e publicaram as obras, assim como salientaram a importância do Romanceiro Popular do Nordeste [...]. Mas a influência decisiva, mesmo, em mim, é a do próprio Romanceiro Popular do Nordeste, com o qual tive estreito contacto desde a minha infância de menino criado no Sertão do Cariri da Paraíba. (SUASSUNA, 1970/ 2008, p.179)

Ao confrontarmos a afirmação de Suassuna — da influência que recebe do Romanceiro Popular do Nordeste — com as constatações de Henrique Oscar — que vê uma aproximação do *Auto da Compadecida* com gêneros e obras da Idade Média —, concluímos que, para tanto, faz-se necessário haver traços medievalizantes na cultura nordestina. Sendo assim, esses resíduos vão estar presentes nas produções literárias,

não apenas de Ariano Suassuna, como também na de mais escritores, como Patativa do Assaré (1909-2002), José Lins do Rego (1901-1957), entre outros.

Para demonstrar aspectos residuais na obra de Patativa do Assaré, transcrevemos trechos de seu livro *Digo e não peço segredo* (2002) no qual fala do seu dom poético:

Quando eu ouvi alguém ler um folheto de cordel pela primeira vez, aí eu fiquei admirado com aquilo, mas no mesmo instante, eu pude saber que eu também poderia dizer em versos qualquer coisa que eu quisesse, que eu visse, que eu sentisse, não é? Comecei a fazer versinhos desde aquele tempo. Sim, a partir do cordel. Porque eu vi o que era mesmo poesia. [...] Com diferença dos outros poetas, porque os outros poetas fazem é escrever. E eu não. Eu faço é pensar e deixo aqui na minha memória. Tudo o que tenho, fazia métrica de ouvido. [...] A base era a rima e a medida. (PATATIVA DO ASSARÉ, 2002, p.39)

Portanto, a métrica utilizada por Patativa do Assaré em seus versos, por ter como berço o cordel, apresenta uma estrutura residual oriunda provavelmente da época medieval e que chegou ao Nordeste brasileiro pela hibridação cultural, um dos princípios da Teoria da Residualidade. Em sua produção poética, Patativa usou muitas estrofes décimas, com versos de sete sílabas, como as usadas, em 1636, pelo escritor espanhol Calderón de la Barca. Comparemos:

Dinhêro transforma tudo
dinhêro é quem leva e traz
eu nem quero nem dizê
tudo o que o dinheiro faz
apenas aqui eu conto

que ele pra tudo tá pronto
ele é cabrêro e treidô
é carrasco e é vingativo
só presta pra sê cativo
não presta pra sê senhô.

(PATATIVA DO ASSARÉ, 2002,

p.84)

Yo sueño que estoy aquí
destas prisiones cargado,
y soñé que en otro estado
más lisonjero me vi.

¿Qué es la vida? Un frenesí.

¿Qué es la vida? Una ilusión,

una sombra, una ficción,

y el mayor bien es pequeño,

que toda la vida es sueño,

y los sueños, sueños son.

(CALDERÓN DE LA BARCA,

1636 /1995, p.85)

Na produção literária de José Lins do Rego, os resíduos podem ser observados em obras como *Pedra Bonita* (1938) e *Menino de engenho* (1932). O misticismo e o cangaço estão presentes em *Pedra Bonita*, cuja provável fonte temática, bem como a oralidade da narrativa, teria sido a literatura de cordel. Já em *Menino de Engenho*, Totonha é um bom exemplo da hibridação cultural. Totonha ia “de engenho a engenho, contando histórias de Trancoso, como diz o próprio autor, na apresentação de *Histórias da velha Totônia* (1936), a Totonha de sua infância, que narrava suas histórias de reis e rainhas, de personagens e cenários europeus, às quais acrescentava uma cor local, regional, nordestina.

Todo escritor está integrado a uma sociedade e expressa em suas obras a mentalidade de seu tempo, que é residual, visto ser esta composta de sedimentos mentais, os quais não estão no nível da consciência. Assim, Ariano Suassuna, como acontece com os outros escritores aqui apresentados, expressa a mentalidade do seu tempo, que

também é o nosso, e sua escrita dialoga com a mentalidade medieval, porque persistem resíduos desta época no Romancero nordestino, no qual se inspirou.

Por que isso ocorre? Por que subsistem no Nordeste tantos traços do Medievo se, quando do descobrimento do Brasil e até mesmo de sua colonização pelos portugueses, a época normalmente referida como fim da Baixa Idade Média (séc. XIV- séc. XV) já havia passado?

Explicações há. Recordemos:

1. A chegada dos portugueses ao Brasil ocorreu em Porto Seguro, na Bahia.

2. Das quinze capitanias hereditárias, no período do Brasil-Colônia, apenas duas prosperaram. Uma delas foi a de Pernambuco, fundada em 1536; a outra, a de São Vicente, cujo povoado foi elevado à condição de vila em 1532.

3. Quando o donatário da Baía de Todos os Santos, o cruel Francisco Pereira Coutinho (14??-1547), foi morto, retalhado pelos índios da tribo tupinambá e servido como prato principal, numa festa antropofágica, a Coroa Portuguesa não autorizou o herdeiro a ocupar o cargo de capitão-donatário e transformou essa capitania em jurisdição da Coroa.

4. Tomé de Souza (1515-1579), primeiro governador-geral escolhido por Dom João III (1502-1557), chegou ao Brasil em março de 1549, acompanhado por mais de novecentas pessoas, entre soldados, colonos e degredados e, nesse mesmo ano, fundou a primeira capital do Brasil, Salvador.

5. Não é de estranhar que o governo colonial tenha se estabelecido no Nordeste. Diferentemente da capitania de São Vicente, cujo progresso deveu-se ao fato de ter-se consolidado como polo portuário — nesta capitania também se iniciara o cultivo da cana-de-açúcar e outras culturas, mas suas terras foram consideradas pouco propícias à agricultura devido à baixa fertilidade do solo — a capitania hereditária de Pernambuco prosperou graças à cultura da cana e à

indústria do açúcar. Portanto, os portugueses já haviam observado que a cana-de-açúcar se adaptava bem ao clima e ao solo nordestino. Então, começaram seu plantio em larga escala, visto ser o açúcar um produto de grande valor comercial e grande aceitação na Europa. Visavam, com isso, ao lucro.

6. A forma de governo-geral persistiu até 1808, embora desde 1641, após a Restauração de Portugal, que esteve sob o domínio espanhol de 1580 a 1640, alguns governadores tenham passado a usar o título de vice-rei.

Comprovamos, assim, que de 1536 a 1808 a presença portuguesa foi muito forte no Nordeste brasileiro. Mas isso não explica a presença dos resíduos medievalizantes, pois nesse período a Europa começava a viver a Revolução Industrial, saindo do feudalismo e adotando o capitalismo. Os fatores que influenciaram a permanência de estruturas são outros: a distância entre metrópole e colônia, as viagens marítimas, o isolamento em que vivia o Brasil e a forma de governo-geral que durou de 1549 a 1808, quando se deu a mudança da família real portuguesa para o Brasil. Acresça-se a isso o fato de Portugal não ter aproveitado, durante todo esse período, do comércio de outrora, que poderia ter o objetivo de criação de uma indústria e renovação da agricultura. Com tal atitude, permitiu que sua organização econômico-social permanecesse medieval.

Pela distância e dificuldades nas viagens, pelo isolamento e pelo longo período com uma mesma estrutura de governo, é de se supor que o Nordeste tenha recebido de Portugal resíduos dos modelos sócio-econômico-culturais da Península Ibérica medieval. Não nos esqueçamos de que o ano de 1500 está muito próximo do que se costuma dar como término da Baixa Idade Média — alguns o querem em 1453, ano correspondente à queda de Constantinopla e ao fim da guerra dos Cem Anos; outros o colocam em 1492, ano do descobrimento da América; outros há que pensam em 1517, início da Reforma Protestante.

Para entendermos a mentalidade dos portugueses chegados às terras nordestinas desde o descobrimento até a chegada da família real ao

Brasil, é preciso retroceder, não à Europa de 1808, mas à de 1500, pois os portugueses aqui ficados não acompanharam o progresso europeu dos que seguiam vivendo em terras lusas.

A Europa de 1500 já tinha passado por várias transformações desenvolvimentistas. No cenário econômico europeu, a produção crescera devido a uma maior quantidade de mão-de-obra aliada ao uso de técnicas diversas, como o adubo mineral, os moinhos de água e de vento, a força motriz animal. O crescimento foi tanto que alguns estudiosos afirmam ter a agricultura medieval no final do século XIII atingido um nível técnico semelhante ao do início do século XVIII. O excedente agrícola revigorou o comércio, principalmente o de longa distância. Houve aumento na produção, no crescimento demográfico e, conseqüentemente, deu-se uma diversidade de moedas, a monetarização da economia e o surgimento da atividade bancária. Todas essas transformações levaram Jean Gimpel (*apud* FRANCO JÚNIOR, 2005, p.39) a ver a Idade Média Central como a Revolução Industrial medieval.

No campo literário, a literatura medieval utilizava tanto a língua latina quanto a língua vernácula ou vulgar. A literatura latina, além de uma produção eminentemente clerical, como a das crônicas e dos poemas clássicos, também apresentava uma produção popular, a hagiografia, e outra erudita mas não eclesiástica, isto é, erudita na língua e popular na versificação — rítmica e rimada —, na temática — amor, vinho, jogo — e nas fontes — mitos, folclore —, os poemas goliárdicos. A literatura vernácula, impregnada de elementos etnológicos, apresentava gêneros de matizes clericais, como a canção de gesta e o ciclo do Graal, e outros laicos, como os lais e os fabliaux.

No período medieval, várias obras literárias importantes vieram a público: aproximadamente em 1100, *La chanson de Roland* (anônimo), poema épico baseado num acontecimento histórico ocorrido no século VIII; por volta de 1165, *Le roman de Tristan*, de Béroul (séc. XII), poema que narra a paixão incomensurável de Tristão e Isolda, versão escrita de uma lenda celta, “proveniente de um período dos ‘começos’ na antiga

Irlanda” (BARROS, 1996, p.15); entre 1170 a 1175, *Tristão e Isolda*, de Thomas of Britain (séc. XII); em 1182, *O conto do Graal*, de Chrétien de Troyes (1135-1191); entre 1201 a 1207, o *Poema de Mio Cid* (anônimo); em 1225, *Lancelot Du Lac*; e, entre 1350 a 1355, *Decameron*, de Boccaccio (1313-1375). Outras obras de grande importância e muito conhecidas são: o *Liber Sancti Jacobi* ou *Códex Calixtinus*, do século XII; *Carmina Burana*, antologia de poemas goliárdicos, por volta de 1280; *O livro das maravilhas*, de Marco Polo (1254-1324), entre 1298 a 1301; e a *Divina Comédia*, de Dante Alighieri (1265-1321), entre 1307 e 1321.

Nos anos que antecederam a 1500, a jovem nação portuguesa deixara de ser o Condado Portucalense, constituído em 1097 e subordinado à Espanha, para surgir como Reino de Portugal, em 1139, pelas mãos de Dom Afonso Henriques (1109-1185). Já no seu nascimento, o novo reino foi beneficiado pelo desenvolvimento europeu das forças produtivas e do comércio relacionado com as Cruzadas, e sua navegação comercial levou a que cidades costeiras como Porto e Lisboa desenvolvessem uma atividade mercantil com outros países da Europa. Outros dois fatos relevantes ocorreram para a então futura hibridação luso-brasileira. Um, em 1494, quando se deu o Tratado de Tordesilhas e, outro, em 1495, quando, com a morte de Dom João II (1455-1495), Dom Manuel (1469-1521) foi aclamado rei.

Quanto ao campo da escrita, do século XIII datam os mais antigos textos escritos em português, quer notariais, como o testamento de Dom Afonso II (1185-1223), quer literários, como as cantigas de João Soares de Paiva (1140-?) e de Dom Sancho I (1154-1212). Nesta época os livros eram escritos a mão, em folhas de pergaminho — as técnicas de impressão só começariam a ser utilizadas na Europa na segunda metade do século XV, devido à criatividade do alemão Gutemberg (1395-1468), o inventor da imprensa.

A escrita, entretanto, estava longe de ser o principal veículo de transmissão da cultura. Essa era feita oralmente, pelos jograis — recitadores, cantores e músicos — que apresentavam nas feiras, castelos e cidades um repertório musical e literário estimulado pelos

ouvintes. Enquanto a cultura científico-literária transmitida pela escrita estava pouco disseminada e praticamente restrita ao clérigo, a cultura transmitida oralmente pelos jograis atingia um público bem maior, formado de iletrados, nobres, burgueses e vilões. A maioria daquelas novecentas pessoas — soldados, colonos e degredados — que veio com Tomé de Souza (1515-1579) ao Brasil fazia parte desse público, assim como os mil e quinhentos homens vindos na armada de Cabral (1467-1520).

Naquele período em que a Europa passava por essas fases de desenvolvimento sócio-econômico-cultural, Portugal se fixava como nação livre e soberana no Brasil-Colônia, no continente que viria a ser chamado América.

Antes da chegada dos portugueses, habitavam o Brasil milhões de nativos, divididos, de acordo com o tronco linguístico, em tupis-guaranis, macro-jê ou tapuias, aruaques e caraíbas. Eram tribos nômades e, no sentido de habitantes da selva, selvagens.

Hilário Franco Júnior (2005) vê o Brasil dessa época vivendo a Pré-História, enquanto a Europa vivia sua Idade Média, mas observa que nesse Brasil pré-histórico já havia elementos medievais, os quais, repetimos, se devem ao fato de os portugueses que aqui ficaram não terem acompanhado o progresso europeu dos que seguiam vivendo em Portugal. O comentário desse autor sobre a herança medieval no Brasil, transcrito a seguir, corrobora nossa opinião:

Mesmo no Brasil, que vivia na Pré-História enquanto a Europa estava na chamada Idade Média, muitos elementos medievais continuam presentes. A colonização portuguesa introduziu práticas que, apesar de já então superadas na metrópole, foram aqui aplicadas com vigor, inaugurando o clima de arcaísmo que marca muitos séculos e muitos aspectos da história brasileira. Luis Weckmann detectou com pertinência a existência

de uma herança medieval no Brasil, porém limitou sua presença apenas até o século XVII. E, na realidade, ela continua viva ainda hoje nos nossos traços essenciais. Os dois elementos culturais que enquadram a consciência de nacionalidade são de origem medieval. O nome de nosso país vem da “ilha afortunada” O’Brazil, identificada nos séculos XIV-XV com as Canárias, antes de sê-lo com a América. A tradicional associação da terra descoberta por Cabral com a madeira tintorial aí encontrada (o pau-brasil) desconsidera que a própria madeira tirara seu nome da mítica ilha medieval. O idioma, obviamente, é aquele introduzido e imposto pelos colonizadores, idioma que, como todos os do mundo ocidental, nascera na Idade Média. (FRANCO JÚNIOR, 2005, p.39)

Luis Weckmann (*apud* FRANCO JÚNIOR, 2005, p.39) limita a presença de traços medievais no Brasil apenas até o século XVII. Contudo, em relação ao Nordeste, Fernando Uricoechea (*apud* VASSALO, 1993, p.15) e Raymundo Faoro (*apud* VASSALO, 1993, p.15) concordam ao dizerem que a configuração social dessa região se identifica com a situação medieval portuguesa, pelo menos até o início da era Vargas (1930 a 1945 e 1951 a 1954).

Câmara Cascudo (1983) é outro autor que trata da persistência de costumes arcaicos no Ceará. Comenta o intelectual potiguar:

Plantava-se a “fazenda de criar” como uma cidadela, com seu mundo de agregados, vaqueiros, índios mansos, negros fiéis. Esse centro era autônomo, independente, autárquico. Daí a persistência dos mitos, a continuidade das histórias velhas, a fidelidade aos costumes de duzentos anos (CASCUDO, 1983, p.9).

Podemos ampliar esse cenário para todo o Nordeste, pois, conforme informação daquele grande etnólogo, baseando-se na *História do Ceará* de Cruz Filho, a Terra da Luz foi sendo povoada lentamente por pessoas vindas de Pernambuco, Rio Grande do Norte, Sergipe e Bahia. Sublinha o etnólogo:

O clima folclórico é o mesmo do Nordeste. São os mitos idênticos, diferenciações, variantes, adaptações, inteiramente semelhantes. A população do interior, quase imóvel durante longo tempo, manteve a maioria dos mitos talqualmente os recebera. Como a influência negra não é preponderante mas apenas sensível e também mais aproximada do oceano, encontramos os mitos de origem europeia e os indígenas, diversificados pela mestiçagem, quase em estado de pureza (CASCUDO, 1983, p.10).

Na visão de Câmara Cascudo, “as rodovias, articulando o sertão a toda a parte, dissiparam o ar respirado há dois séculos” (CASCUDO, 1983, p.9). Portanto, é coerente o pensamento do etnólogo segundo o qual talvez esse material já não esteja como era antes, pois “o sertão respira pelas mil bocas das estradas e paga o conforto da eletricidade com o esquecimento das estórias antigas e saborosas” (CASCUDO, 1983, p.10). No entanto, ficam os resíduos como material cristalizado. Não é de se estranhar, pois, que existam tantos resíduos do Medieval em obras de autores nordestinos, como os citados anteriormente, entre as quais, incluímos o *Auto da Compadecida*, de Suassuna.

Outra opinião a corroborar o que aqui expomos é a da professora Lígia Vassalo (1993), no livro *O Sertão Medieval: Origens europeias do teatro de Ariano Suassuna*, do qual transcrevemos trecho significativo:

Enquanto o velho continente ingressava no mundo da escrita e da indústria, emigrou para a América

aquele da voz e, com ele, a superestrutura intelectual que o acompanha. Ele não é um resíduo estratificado sobrevivente na memória de alguns, mas é vivo e atuante na prática dos contadores de histórias, nos improvisos dos cantadores, nos folhetos de cordel capazes de incorporar a cada instante novos eventos do cotidiano. A cultura oral nordestina consome ainda hoje temas e técnicas medievalizantes, como as histórias de procedência árabe ou francesa, junto com os desafios dos cantadores, a estrofação e várias modalidades de versejar. (VASSALO, 1993, p.163)

Em *O sertão medieval*, Lígia Vassalo (1993) tem como enfoque teórico o ponto de vista de Mikhail Bakhtine sobre a paródia e a carnavalização. Não obstante, o parágrafo que transcrevemos aproxima o pensamento da autora dos conceitos operativos da Teoria da Residualidade.

Vassalo percebe um resíduo “vivo e atuante” capaz de “incorporar, a cada instante, novos eventos do cotidiano” (VASSALO, 1993, p.163). Roberto Pontes identifica resíduos em várias obras por ele analisadas. Percebe que o resíduo permanece de uma época para outra ou de uma cultura para outra porque reúne vigor em si capaz de infundir vida a uma obra nova. E, cogitando sobre o resíduo, Roberto Pontes desenvolveu a Teoria da Residualidade.

Referências bibliográficas

- BARROS, M.N.A. *Tristão e Isolda: o mito da paixão*. São Paulo: Mercury, 1996.
- CALDERÓN DE LA BARCA, P. *La vida es sueño*. Clásicos Españoles. [S.l.]: Olympia Ediciones, 1995.
- CASCUDO, L.C. *Geografia dos mitos brasileiros*. 78° vol. da Coleção Reconquista do Brasil, nova série, 1983.

FRANCO JÚNIOR, H. *A Idade Média – nascimento do Ocidente*. 4ª reimpr. da 2ª ed. de 2001. São Paulo: Brasiliense, 2005.

OSCAR, H. “Prefácio”. In SUASSUNA, A. *Auto da Compadecida*. 34ª ed. / 6ª imp. Rio de Janeiro: Agir, 2000.

PATATIVA DO ASSARÉ. *Digo e não peço segredo*. Organização e prefácio de Tadeu Feitosa. São Paulo: Escrituras, 2002.

PONTES, Roberto. “Residualidade e Mentalidade Trovadorescas no Romance de Clara Menina”. Comunicação. *Atas do III Encontro Internacional de Estudos Medievais*. Rio de Janeiro: Ágora da Ilha, 1999, p.513-516.

_____. “Reflexões sobre Residualidade”. Comunicação. *Jornada Literária A Residualidade ao alcance de todos*. Departamento de Literatura da UFC, Fortaleza, 24 jul. 2006, sob forma de entrevista concedida a Rubenita Alves Moreira, em 05/06/2006 e 14/06/2006.

SUASSUNA, A. *Auto da Compadecida*. 34ª ed. / 6ª imp. Rio de Janeiro: Agir, 2000.

_____. “A Compadecida e o romanceiro nordestino”. In: SUASSUNA, A. *Almanaque Armorial*. Seleção, organização e prefácio: Carlos Newton Júnior. Rio de Janeiro, José Olympio, 2008, p.173-188.

VASSALLO, L. *O sertão medieval: origens europeias do teatro de Ariano Suassuna*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1993.